

# Óscar Masotta e o descentramento da psicanálise lacaniana<sup>1</sup>

406



**Geoff Shullenberger**

New York University

Óscar Masotta foi um crítico argentino, investigador de estética, polemista, organizador ocasional de *happenings*, e um teórico da psicanálise. Entre princípios da década de 1950 e finais da de 1970, ele foi associado a algumas das instituições culturais e intelectuais mais notáveis de Buenos Aires. Nesse estágio da carreira, escreveu para *Contorno*, uma revista de esquerda de inspiração sartreana bastante influente, embora de curta vida, que também foi o princípio da carreira de toda uma geração de escritores. Na segunda fase de sua trajetória intelectual, esteve intimamente afiliado ao *Instituto Torcuato di Tella*, epicentro institucional de vanguarda nos finais dos anos 60. Na década final de sua carreira, Masotta dedicou-se à tradução e exposição do

---

<sup>1</sup> Tradução Leonardo D'Avila.

trabalho de Jacques Lacan e à fundação da *Escuela Freudiana* de Buenos Aires, pensada nos moldes da *École Freudienne* de Paris, de Lacan. Apesar de sua significância como crítico literário e de arte, foi sob o papel de difusor da psicanálise lacaniana na Argentina, país no qual a influência de Lacan eclipsou sua importância na França natal, o que mais lhe garantiu um proeminente embora controverso lugar no panteão intelectual do país.

Recentemente um “retorno a Masotta” está a caminho — de acordo com o que o escritor, psicanalista e colaborador assíduo de Masotta, Germán García, declarou no suplemento cultural *Ñ* em 2010 (GARCÍA, 2010, p. 6). Ao citar a republicação dos maiores escritos e um interesse crescente em sua obra pela Argentina e no exterior, García saudou o renascimento de Masotta como o justo reconhecimento de um crítico cultural e teórico que exerceu um impacto amplo na vida intelectual argentina em vinte e quatro anos de atividade. Outros artigos que afirmaram a redescoberta de Masotta se referiram a ele como um “pionero”, “fundador”, “maestro de una generación”, e a “fonte e origem da psicanálise lacaniana na Argentina” (2009, p. 11).

A declaração de García sobre um “retorno a Masotta” conscientemente ecoa seu “retorno a Freud” de Lacan, mestre de ambos. Ainda assim, mais do que esclarecer a importância cultural de Masotta, as alusões de García escancaram a posição curiosa que ele ocupa. Afinal, o grito de guerra “retorno a Freud” permitiu a Lacan enquadrar seu projeto enquanto uma jornada à fonte que iria englobar os expositores e interpretes que moldaram a história da psicanálise após a morte de Freud. Um “retorno a Masotta” seria o oposto de um retorno às origens: um retorno ao pensador que explicitamente entendeu a iniciativa como um retorno a outro pensador (Freud) por meio de um outro (Lacan). Em outros termos, o leitor atual de Masotta faria um retorno ao retorno a Freud de Lacan de Masotta: um caminho intelectual curiosamente sinuoso. Ainda pareceria que Masotta de fato viria sua iniciativa nesses termos. Frases redobradas como essas que utilizei são frequentes em seus textos. Por exemplo, ele introduz a *Introducción a la lectura de Jacques Lacan*, como “un seminario sobre un seminario que comenta un texto literario que ejemplificaría a la teoría” (MASOTTA, 2008, p. 153); em outro lugar se refere à “nuestra lectura de nuestra lectura del cuento de Poe y de la maqueta de Lacan”

(Ibidem, p. 121); e na abertura de um ensaio justaposto à *Introducción*, ele declara: “Es Althusser – quien lee a Marx no sin haber leído a Lacan – el que nos sugiere el sentido y el alcance de la tarea: leer a Freud” (Ibidem, p. 189).

Os estudiosos mais recentes do trabalho de Masotta destacaram os frequentes efeitos *mise-en-abyme* de sua retórica, e geralmente viram essas circunvoluções como evidência de uma mimética tortuosa e uma postura intelectual desviante. Mariano Plotkin, historiador da psicanálise, por exemplo, salienta com ceticismo:

em [seus] textos é às vezes difícil de compreender de quem é a voz que ouvimos. É de Lacan? Ou é [de Masotta]? Ou é de Lacan através de [Masotta]? Em Masotta falando sobre Melanie Klein, por exemplo: “O que pensamos sobre Melanie Klein? Desde o princípio é fácil supor que não somos Kleinianos... Lacan, contudo, é cauteloso.” Parece que a cautela de Lacan modifica as reservas de Masotta acerca de Melanie Klein”. (PLOTKIN, 2001, p. 210)

Philip Derbyshire emitiu julgamentos similares daquilo que chama de “leitura[s] de leituras de texto[s] literários” (18) de Masotta e “exposição[ões] de texto[s] sobre a possibilidade de exposição” (DERBYSHIRE, 2009, p. 18). Para Derbyshire, a retórica de Masotta “desvaloriza a posição do leitor[a] periférico[a] enquanto o/a coloca em uma posição de repetição do centro, mesmo que essa interação abra para alguma novidade involuntária” (Ibidem, p. 16). Em relação ao comentário de Masotta sobre o comentário de Lacan sobre a “Carta roubada” de Poe, Derbyshire afirma: “no modelo desenvolvido nos seminários, Masotta, como intermediário, está ocupado pela letra, o significante — teoria lacaniana — ainda somente pode ser transportado, sendo totalmente incapaz de manipulá-lo já que o significante diz o sujeito. E a disseminação que ameaça qualquer interpretação somente pode ser viciada ao se repetir a mensagem literalmente — “‘o laborioso trabalho de leitura’ ou citação. A ameaça de defraudamento do texto requer que ele seja meramente repetido” (Ibidem, p. 20). Ele continua: “tal mimetismo é uma solução do problema de uma periferia intelectual autoconstituída em relação a seu suposto centro, uma relação que marca um lugar constante na cultura argentina durante o século XX. Devemos considerar essa como a forma de colonialismo ao nível da teoria, na

qual o modelo intelectual, o aparato conceitual e problemático da teoria são produzidos em outro lugar e transferidos ao novo terreno como se o intervalo entre origem e margem não existisse” (Ibidem, p. 22). Derbyshire acrescenta que enquanto “Masotta registrou este problema em sua crítica de *Sur*”, a revista influente publicada por Victoria Ocampo, ele a reencena em sua exegese de Lacan.

O que mais soa estranho na crítica de Derbyshire é que o próprio autor parece “ocupado” com a letra de Lacan e, portanto, com a letra de Masotta: a teoria psicanalítica, ou a adesão de Masotta ao objeto de sua crítica, de fato, forma a base intelectual daquela crítica. A leitura de Derbyshire sobre Masotta como, em seu próprio termo, um “sintoma cultural”, é ela mesma “sintomática” de um “retorno ao reprimido” textual de modo semelhante ao que ele identifica nos próprios escritos de Masotta. Da mesma forma, seu argumento de que Masotta termina por repetir a repetição de outros intelectuais argentinos sobre o centro é ela mesma uma repetição das críticas de Masotta a outros intelectuais argentinos. No próprio processo de demonstrar a consideração de Lacan na retórica de Masotta, ele se coloca em uma posição de ser apenas influenciado e nunca influenciador. Assim, a “posição textual é tanto dominante quanto precária” (DERBYSHIRE, 2009, p. 13) em Derbyshire — muito como ele afirma ser o caso de Masotta. De fato, Masotta pode muito bem descrever a crítica de Derbyshire quando caracteriza seu próprio comentário sobre Lacan como “un texto que repite y trasforma el texto de un autor . . . sin dejar de avisar al lector que ahí donde repite tal vez traiciona y ahí donde trasforma no es sino porque quiere repetir” (MASOTTA, 2008, p. 24).

Devo clarificar que compartilho com a conclusão de Derbyshire de que os escritos de Óscar Masotta são fundamentalmente autorreferenciais: eles são parcialmente esforços de teorizar suas próprias condições de produção. Como Derbyshire coloca, as “formas de leitura [de Masotta] pela periferia... exemplificam os dilemas de uma intelectualidade periférica em relação à produção teórica da metrópole”. Ainda enquanto a leitura de Derbyshire exposta acima sugere, a relação entre centro e periferia nas leituras de Lacan de Masotta pode provar-se mais complexa do que inicialmente parecia. Como vimos, Derbyshire, um autor residente em um suposto centro (Londres) critica um escritor de uma suposta periferia (Buenos Aires)

por ter uma visão demasiadamente centrista, mesmo que seu próprio argumento revele um olhar atento para o intelectual, que faria parte da própria periferia que ele investiga. A ampliação das relações de Lacan com a Argentina e América Latina pode tornar mais complicadas as presunções de centro e periferia. Como acontece, os efeitos *mise-en-abyme* da retórica de Masotta repetem e comandam uma excentricidade e marginalidade no coração da própria iniciativa lacaniana.

Claramente, Lacan e a teórica lacaniana emanam de um reconhecido centro ou capital (Paris) que teve uma longa e complicada história de ser tido como uma fonte cultural e modelo de pensamento para toda a intelectualidade latino-americana. A frutífera recepção da psicanálise lacaniana na Argentina, em grande parte devida ao trabalho de intermediários como Masotta ou García, compõe um amplo episódio histórico de absorção e transformação desse modelo parisiense. As origens da teoria lacaniana são apanhadas em um paralelo — porém distinto — mapa de capital intelectual, no qual as posições de Lacan e Paris são mais precárias do que as posições anteriores nos querem convencer.

Para esclarecer esse ponto, gostaria brevemente de visitar alguns dos trabalhos de pesquisadores norte-americanos sobre o seminário “A Carta Roubada” sobre Poe (texto chave para Masotta) e a polêmica que lançou. Segundo Jeffrey Mehlman e Jane Gallop apontaram, o prolongado diálogo atlântico entre França e Estados Unidos ocasionado pelo seminário sobre a “Carta Roubada” revela-se uma repetição inquietante das origens do seminário: primeiramente, a leitura de um psicanalista francês lê uma estória contada por um autor norte-americano passada em Paris com um “analista” francês — o August Dupin de Poe — como seu protagonista; além disso, um ataque de um psicanalista francês dirigido à predominância de uma versão americana da psicanálise — psicologia do ego — que se tornou suficientemente central e hegemônico para relegar as heresias de um analista europeu como Lacan para as margens. A autoridade institucional de Lacan como fundador, pioneiro e paradoxalmente mestre emergiu de um isolamento ocasionado pelas repetidas negativas de reconhecimento pela *International Psychoanalytic Association*, dominada por norte-americanos. Lacan estava preocupado não apenas com seu status institucional mas também com o descentramento de

Paris e da Europa em um mundo Pós-Guerra no qual os Estados Unidos despontava, na psicanálise e em outros domínios. A resposta à sua própria marginalização, pode-se supor, buscava sistematizar, tal como no seminário sobre “A Carta Roubada”, a impossibilidade de uma autoridade e a insustentabilidade de qualquer centro.

Enquanto o antagonismo atlântico de Lacan com os Estados Unidos suscitou razoável atenção, sua oposta e igualmente reveladora relação com a Argentina e a América Latina foi em grande parte negligenciada. Décadas antes de Masotta iniciar seus trabalhos como exegeta lacaniano, Lacan e a Argentina eram o que poderíamos chamar de “extimados amigos” e que a Argentina se interessava em Lacan antes de Lacan se interessar pela Argentina. Pois mesmo que ele tenha apertado os laços com a psicologia do ego, sua base institucional norte-americana, e seus simpatizantes franceses, Lacan buscou alianças sul-americanas, em um processo que o levou a visitar Caracas pouco antes de sua morte, bem como nas relações muito próximas ao continente que seu sucessor Jacques-Alain Miller possuía.

Uma evidência da estratégia sul-americana de Lacan pode ser encontrada na biblioteca da Villa Ocampo, a principal residência da proeminente escritora e editora argentina Victoria Ocampo e o ponto de encontro de seus famosos salões literários. Entre a grande coleção de memorabilia que demonstram suas amizades com grandes nomes das vanguardas artísticas modernas e intelectuais existem quatro trabalhos trazendo a escrita de Lacan. Uma busca no corpus epistolário de Ocampo revela que primeiramente ela se encontrou com Lacan durante uma viagem por volta de 1930 a Paris, quando ele era um jovem psiquiatra em treinamento com relações próximas aos surrealistas. Entre 1932 e 1976, Lacan enviou cópias assinadas de quatro de suas maiores publicações a Ocampo, cada uma dela contendo dedicações profundas de afeto. Podemos com segurança especular que Lacan operava com bastante lucidez na esfera de influência de Ocampo no mundo as letras hispânicas, em grande parte decorrência de sua direção da prestigiosa revista *Sur*. Publicada por Ocampo entre 1931 e 1992, *Sur* teve como uma das principais atribuições a disseminação de grandes intelectuais europeus e tendências culturais na Argentina e América Latina. Se Ocampo tivesse escolhido providenciar o lançamento de algum trabalho de Lacan, ele teria atingido uma ampla difusão entre hispanofalantes, mas nem *Sur* nem a casa editorial associada a ela

alguma vez publicou qualquer trabalho de ou sobre Lacan. Tampouco Ocampo usou sua influência para favorecer a publicação em espanhol de algum escrito seu.

Em uma de suas cartas sobre Lacan da década de 30, Ocampo descreve o jovem psiquiatra como tendo “sueños napoleónicos de poderío” (OCAMPO, 1997, p. 24). Podemos assumir que ela reconheceu as tentativas de Lacan para solicitar suas ideias enquanto algum esforço imperialista para expandir sua esfera de influência no mundo hispanofalante. Essa tentativa malograda da parte de Lacan pode ser utilmente comparada a algumas antigas práticas geopolíticas francesas que enfatizavam a cultura “Latina” em comum entre a França e a América Latina como a base para alianças políticas e culturais. Se a relação de Lacan com os Estados Unidos colocou-o em uma posição de marginalidade beligerante e isolamento, sua “conquista não correspondida” da Argentina implicava, em contrapartida, na questão de sua própria centralidade em relação a uma periferia que almejava que fosse devidamente receptiva à sua influência. Se a indiferença de Ocampo frustrava esse gesto de superioridade — o tipo de gesto que sua própria teoria persistentemente ironiza — o débito textual de Lacan para com o sócio de Ocampo, Jorge Luis Borges, traz mais complicações à cena.

John Irwin empreendeu uma tentativa de mostrar que foi a leitura de Borges que “originalmente levou Lacan à dimensão numérico/geométrica de ‘A Carta Roubada’ e então sugeriu que o conto de Poe fosse um ideal de texto para a análise que iria lançar a estrutura do triângulo edipiano na reciprocidade da cegueira e vislumbre no encontro psicanalítico” (IRWIN, 1994, p. 442). Como ele afirma, “a probabilidade de Lacan ter sido influenciado por Borges não deveria causar surpresa a qualquer um que se familiarize com o grande impacto de Borges entre intelectuais franceses nos anos 50, 60 e 70” (IRWIN, 1994, p. 448). Irwin também delinea um caminho mais preciso para a influência de Borges em Lacan: o trabalho do crítico e teórico social Roger Caillois, que era colega antigo do psicanalista. Caillois passou os anos da Segunda Guerra Mundial na Argentina, onde, com a ajuda de Victoria Ocampo, iniciou uma revista literária em francês no exílio que publicou algumas das primeiras traduções dos trabalhos de Borges. Posteriormente, Caillois supervisionou a publicação da tradução completa das *Ficciones*. Também durante seu período na Argentina,

Caillois começou a escrever sobre a história da ficção policial. Isso levou a um intercâmbio com Borges nas páginas de *Sur*, o que levou adiante o papel de Edgar Allan Poe no desenvolvimento do gênero.

Irwin delinea outra evidência proveniente do próprio “Seminário sobre ‘A Carta Roubada’”. Em uma breve nota de rodapé, Lacan alude ao “El idioma analítico de John Wilkins”, de Borges, que foi publicado em francês em 1955. O trabalho de Borges, Lacan salienta, “harmoniza... tão bem com o filo de nosso objeto” (MULLER; RICHARDSON, 1988, p. 53). Irwin argumenta que

existe algo curioso sobre essa nota de rodapé, um sentimento misterioso de que a aura é geralmente um mecanismo inconsciente, de repressão e retorno. Pois, embora nada esteja seja claro de que o ensaio de Borges “harmoniza... tão bem” com o objeto do “Seminário” de Lacan... é bastante evidente que [outro] trabalho de Borges [i.e. sua ficção policial] se harmoniza muito bem com o tema do “‘Seminário’ de Lacan”. (IRWIN, 1994, p. 445).

O autor continua:

A referência de Lacan ao ensaio Wilkins pode, de fato, representar o retorno de um conteúdo reprimido, o ressurgimento do sentido de Lacan de quanto sua própria leitura de “A Carta Roubada” ou tinha um débito direto ou havia sido antecipada pela re-leitura de Borges sobre o conto de Poe... Se essa originalidade e ansiedade existiam para Lacan, então sua nota sobre Borges seria o traço de uma divisão interna, a visível marca de sua incapacidade... para explicitamente admitir o débito a uma influência de Borges em um assunto tão central para sua interpretação do conto de Poe”. (IRWIN, 1994, p. 446-447)

Lacan, tal como sua correspondência com Ocampo revela, anteviu a criação de um canal de influência de Paris a Buenos Aires; ele também confiou seu trabalho ao psicanalista suíço-argentino Enrique Pichon Rivière, que eventualmente conseguiu a atenção de Masotta. Mas se Irwin está correto, Lacan, ao contrário, encontrou a direção da influência revertida quando Borges, o colega de Ocampo, providenciou a base para sua própria leitura de Poe. Se a base teórica da teoria lacaniana deve algo à Argentina via Borges, a sobrevivência de Lacan instituiu um legado eventual fiado significativamente em vínculos latino-americanos. A dissolução da École Freudienne em



janeiro de 1980 deixou Lacan com poucos aliados na França, e não foi por acidente que ele e seu herdeiro escolhido Jacques Alain Miller viajaram a Caracas em Julho de 1980 para conveniar a comunidade crescente de analistas hispanofalantes, uma iniciativa que deve muito aos esforços de Oscar Masotta. A instituição lacaniana sobreviveu à sua parcial latino-americanização e, aquilo que Lacan anteriormente vira como um território periférico a ser conquistado, tornou-se institucionalmente central.

Em vez de oferecer uma leitura exaustiva do trabalho de Masotta, procurei oferecer uma nova contextualização para pensar sobre seus esforços intelectuais enquanto leitor de Lacan. A leitura marginal de Masotta de Lacan sugere uma compreensão da teoria lacaniana enquanto uma interrogação sobre a marginalidade enquanto uma condição dispersiva em um universo simbólico descentrado. Ela também sustenta o trabalho teórico de descentramento crucial para o pensamento de Lacan em eixos específicos de cultura geopolítica. A leitura de Masotta da leitura de Lacan sobre Poe e Freud oferece maneiras de pensar sobre a reconfiguração de geografia cultural que se torna obrigatória em um mundo sem um centro definido. Uma passagem do trabalho “The Frame of Reference”, de Barbara Johnson, um comentário sobre a polêmica que circunda o Seminário “A Carta Roubada”, é particularmente pertinente ao descentramento de Masotta do também descentrado Lacan:

*é o ato de análise que parece ocupar o centro do estágio discursivo, e o ato de análise do ato de análise que, de algum modo, obstrui essa centralidade. Na estrutura resultante, assimétrica, abissal, nenhuma análise... pode intervir sem transformar e repetir outros elementos em sequência, o que então não é uma sequência estável, mas que, contudo, produz certos efeitos regulares”. (MULLER; RICHARDSON, 2013-214)*

Se Lacan leu Freud, para utilizar o estilo de Masotta, não sem haver lido Borges, então a repetição de Masotta do centro é uma repetição de um centro que previamente repete a periferia, e então assinala a emergência de um mapa cultural no qual tais termos não mais se sustentam. Masotta sugere tal quando escreve que “nuestra cercanía . . . a los textos de Lacan” é na verdade um efeito de “la distancia y las mediaciones entre nuestro texto y el terreno en cuestión” (MASOTTA, 2008, p. 175).

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

DERBYSHIRE, Philip. Who Was Oscar Masotta?: Psychoanalysis in Argentina. *Radical Philosophy*, Kingston-upon-Thames, n. 158, p. 11-23, 2009.

GARCÍA, Germán. Masotta vuelve: La actualidad de un intelectual. *Ñ*, Buenos Aires, n. 15, p. 6-8, mai. 2010.

IRWIN, John. *The Mystery to a Solution: Poe, Borges, and the Analytic Detective Story*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1994.

MASOTTA, Oscar. *Introducción a la lectura de Jacques Lacan*. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2008.

MULLER, John P.; RICHARDSON, William J. *The Purloined Poe: Lacan, Derrida, and Psychoanalytic Reading*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1988.

OCAMPO, Victoria. *Cartas a Angélica y otros*. Buenos Aires: Sudamericana, 1997.

PLOTKIN, Mariano. *Freud in the Pampas: The Emergence and Development of a Psychoanalytic Culture in Argentina*. Stanford: Stanford University Press, 2001.